

# 6 O PARQUE ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL

MV Serra

O Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos está situado no município fluminense de Rio Claro, às margens da represa de Ribeirão das Lajes e da antiga Estrada Imperial que ligava Mangaratiba às Minas Gerais. Em seu nome está enunciado seu duplo mérito: em primeiro lugar, traz à luz vestígios da antiga cidade de São João Marcos; em segundo, contribui para a proteção de um fragmento da Mata Atlântica que reforça a reconstituição do corredor florestal que une o norte ao sul do Estado. A este caráter histórico e ambiental agrega-se o papel desempenhado pelo Parque no atendimento das necessidades recreativas e educacionais das populações que lhe são próximas, além daquele de promotor do turismo no município, papéis estes facilitados pela sua proximidade às cidades do Vale do Paraíba e à Região Metropolitana do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

São João Marcos foi a primeira cidade histórica brasileira inscrita no livro de tombo do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1939. Logo após, foi destombada e, em seguida, demolida para permitir a ampliação do complexo hidrelétrico de Ribeirão das Lajes, o que viria a garantir tanto o suprimento da crescente demanda por energia elétrica quanto o abastecimento de água para a cidade do Rio de Janeiro e suas cercanias, cujas fontes mais próximas escasseavam<sup>2</sup>.

Após a demolição de São João Marcos e o abandono de seu sítio, lentamente, por sete décadas, os sedimentos que escorrem dos morros vizinhos, nus de vegetação e presas fáceis da erosão, cobriram o que restava da cidade, enterrando baldramas, o lajeado de ruas e calçadas e qualquer outro sinal de presença da cidade. Enquanto isso, uma camada de arbustos e árvores pioneiras, na qual se destaca um bosque de mulungus, revestiu o sítio urbano e iniciou a subida pelas encostas que o cercavam. São João Marcos desapareceu. A cidade vai subsistir na memória dos seus poucos habitantes sobreviventes, crianças ainda, quando da demolição da cidade. E subsistirá, também, na paixão despertada em alguns estudiosos e aficionados por sua história e tragédia.

Em 2008, a Light tomou a decisão de reverter este processo de esquecimento, recuperando a memória de São João Marcos<sup>3</sup>. Propôs, então, a implantação de um



6.1

parque que cobrisse tanto a totalidade do sítio da antiga cidade quanto trechos da Estrada Imperial – estruturas essas onde se desenvolveriam trabalhos de natureza arqueológica. O projeto abrangeu também áreas adjacentes à cidade, cobertas de mata e pasto, que seriam objeto de reflorestamento e de cobertura vegetal paisagística. O objetivo era que o Parque viesse a contribuir para a conscientização ambiental e patrimonial, em particular, da população do Vale do Paraíba. Adicionalmente, passaria a integrar e enriquecer o conjunto de bens de interesse turístico oriundos do Ciclo do Café, para os quais o Instituto Light vem adicionalmente propondo um programa específico de ações.

O desenvolvimento dos estudos para implantação do parque foi então atribuído ao Instituto Light e sua equipe, que convocou em seu apoio arqueólogos, museólogos, ambientalistas, paisagistas, arquitetos, historiadores e outros profissionais de diversas organizações, conforme listado no Anexo 1 – “Equipes técnicas”, que recebem, ainda, apoio e colaboração da Eletronuclear. Mas, sobretudo, com a colaboração dedicada da Prefeitura e da população de Rio Claro, da qual alguns de seus habitantes são pessoas com laços próximos de parentesco com os habitantes originais de São João Marcos.

Propõem-se, então, duas fases para a implantação do Parque: a primeira, de 2008 a 2010, implica na preparação de estudos básicos, execução de trabalhos arqueológicos iniciais e obras civis (edificações de apoio e acesso ao sítio); e a segunda, de 2011 a 2015, que consiste no início de operação do parque, tendo como meta chegar a sua sustentabilidade em cinco anos.

A primeira fase teve como marco inicial a limpeza criteriosa da camada arbustiva do sítio urbano de São João Marcos respeitando a vegetação arbórea, em particular os citados mulungus, um cuidadoso trabalho de prospecção arqueológica e a realização de uma extensa pesquisa histórica e ambiental, na qual foram incluídos testemunhos iconográficos e depoimentos de antigos moradores. A partir destes trabalhos iniciais, foi executada uma maquete reproduzindo tanto o sítio geográfico quanto a cidade, atualmente exposta no Centro de Visitação instalado no local, e um conjunto de projetos que incluem atenção à arqueologia, paisagismo, museologia, museografia e arquitetura. Quanto aos aspectos jurídicos, foram promovidas negociações para revisão do comodato da área em que se encontra o sítio de São João Marcos, que contaram com o apoio da Light, a boa vontade do comodatário e

1 Iniciativas semelhantes à da Light na criação do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos e voltadas para a recuperação de outras ruínas arqueológicas presentes no estado do Rio de Janeiro, como o Porto da Estrela, o Porto de Iguaçú e o Convento de São Bartolomeu, vêm sendo discutidas no âmbito de diversas empresas e entidades.

2 Guia de Bens Tombados do Estado do Rio de Janeiro 1965-2005, página 63: Rio Claro: Ponte Bela e Ruínas do Centro Histórico de São João Marcos. Ponte Bela, junto da Represa de Ribeirão das Lajes, na antiga estrada imperial que ligava São João Marcos ao porto de Mangaratiba, cerca de 27 km do centro de Rio Claro, 3o distrito. Ruínas de São João Marcos, situada num vale na confluência dos rios Araras e Panelas, estendendo-se da estrada RJ-149 até a Represa de Ribeirão das Lajes, 3o distrito. Processo no. E-18/000.062/90. Tombamento Provisório: 16/02/1990.

6.1 Vestígios de fundações de prédios da cidade, 2010. [HP]



6.2

6.2 Interior do Centro de Memória: painéis contam um pouco da história de São João Marcos, 2010. [TR]

6.3 Ponte: a bela estrutura fica no início do Centro de Visitação, 2010. [HP]

a participação ativa da prefeitura de Rio Claro.

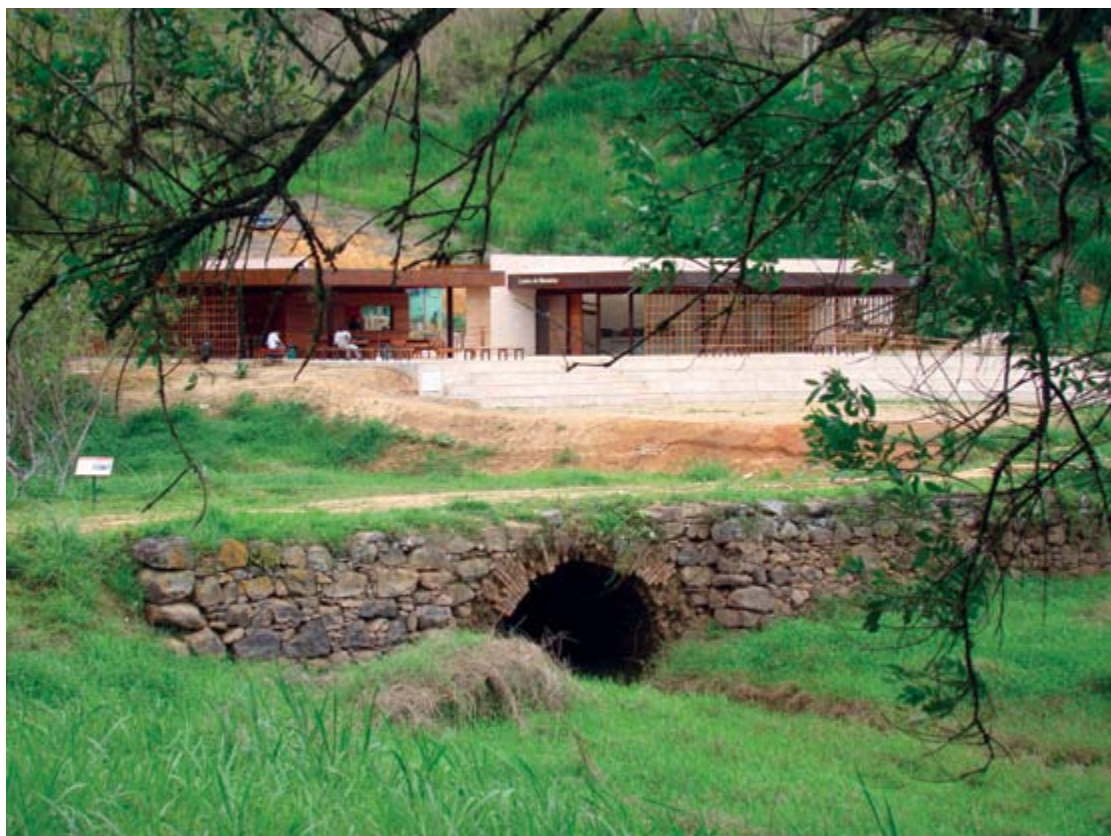
Terminados os projetos em 2009, foi dado início à implantação do Parque com o aprofundamento dos trabalhos arqueológicos, o início do reflorestamento piloto, a construção do Centro de Visitação e a execução dos elementos de museografia. Tais tarefas foram terminadas com sucesso ao final de 2010, estando o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos pronto para ser inaugurado e entregue ao público em final de novembro de 2010, contando inclusive com os licenciamentos requeridos.

A fase de operação terá início em 2011. Nesse período, o Parque passará a contar com seu potencial educacional, turístico e de lazer plenamente desenvolvido, preparado para receber diversos tipos de visitantes: o primeiro é constituído por grupos de estudantes da região, com visitas de conteúdo educacional programadas e guiadas. O segundo é o visitante ocasional, individual ou em grupo, à procura de descanso e lazer, para os quais serão futuramente oferecidos trilhas para caminhadas, passeios de barco e outras atividades de recreio. Além disso, O Parque deverá abrigar também festas e comemorações populares, identificadas com a região e sua história, reunindo moradores de cidades próximas e descendentes de antigos habitantes de São João Marcos. Finalmente, haverá interesse pelo Parque de parte de estudiosos de arqueologia, bem como de ambientalistas.

3 A partir de setembro de 2006, com a reativação e nova orientação dada ao Instituto Light, estudos e avaliações locais foram iniciados, culminando com a aprovação pela Diretoria da Light, em 2008, do conceito do parque a ser implantado.



6.3



6.4

6.4 Anfiteatro, centro de memória, reserva técnica e cafeteria, 2010. [TR]

Será um período de aprendizado no qual deverão ser observados vários aspectos integrados: a implantação de um modelo de gestão terceirizado; o aprofundamento de relações com a comunidade e a prefeitura de Rio Claro; o estímulo à visitação e ao uso de suas instalações; o desenho de atividades educativas e recreativas de caráter ambiental; a avaliação da possibilidade de abrigar o acervo documental de São João Marcos no Centro de Visitação, depositado na Casa de Cultura de Rio Claro desde 1940; e o acompanhamento e estudo de seus padrões de visitação, para que seja possível determinar eventuais correções de curso no tocante ao programa de visitas, de obras e de gestão. Nesse período espera-se, também, a preservação e a consolidação das estruturas arqueológicas postas a descoberto.

## O PARQUE E SEUS COMPONENTES FÍSICOS: Parque Ecológico, Ecomuseu, Museu do Território e Reserva Particular

A concepção do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos toma emprestados elementos de múltiplas fontes. Por um lado, dos parques arqueológicos clássicos, a ideia da preservação de um sítio aberto à visitação do público. Dos ecomuseus, uma interpretação de herança cultural, na qual é dada ênfase ao conjunto, e não à exposição de objetos específicos. Também dos ecomuseus, toma a preocupação com a participação da comunidade no desenvolvimento do conceito do museu e de seu programa e, ainda destes, a ênfase no interesse em participar do desenvolvimento local. Por outro lado, tal como um museu de território, o Parque é um espaço subordinado a parâmetros específicos de proteção, documentação, estudo e interpretação. Finalmente, explora a ideia de preservar em seu território a

## O COMPONENTE HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

diversidade biológica em uma Reserva Particular de Proteção Natural, ou seja, uma área privada gravada em perpetuidade com tal objetivo, mas na qual são permitidas pesquisa científica e atividades de educação ambiental e turismo.

O objetivo deste componente é duplo. Em primeiro lugar, visa resgatar a memória de São João Marcos por meio de pesquisas continuadas de natureza arqueológica, arquivística e junto a pessoas ou comunidades vinculadas à cidade. Em segundo, visa oferecer aos visitantes do Parque a oportunidade de trazer para o presente as memórias impregnadas “nos fragmentos e ruínas encontrados nas escavações arqueológicas, nos documentos, fotografias, objetos e depoimentos”, nas palavras da equipe de museologia.

Para atingir o primeiro objetivo nesta fase de definição e implantação do Parque existe uma fonte principal, que são as pesquisas arqueológicas do sítio urbano e, eventualmente, de outras locações na Estrada Imperial e em sítios próximos à área da cidade.

Os trabalhos arqueológicos se deram em três etapas, sob a responsabilidade de entidade credenciada, obedecendo às normas e legislação pertinentes e com autorização e supervisão de portarias específicas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os procedimentos adotados obedeceram à mais estrita metodologia científica, com planejamento de ações, coleta de dados de campo, análises de labo-

ratório e divulgação de resultados.

Na primeira etapa, em 2008, foi realizada uma ampla avaliação do potencial arqueológico da área, determinando-se os pontos para início das escavações. Para isso foi necessária, inicialmente, a retirada de material vegetal, quase todo arbustivo, que cobria completamente o sítio urbano. Escolhidos os pontos, procedeu-se à sua delimitação e à retirada de uma camada de sedimentos de aproximadamente 20 a 30 centímetros de espessura (quase um metro em certos trechos). Em alguns locais as explorações foram de caráter mais aprofundado, revelando elementos variados, como tanques de água, fornos, galerias de escoamento de águas pluviais e outros.

As etapas 2 e 3 prolongaram-se de julho de 2009 a abril de 2010. A segunda concentrou-se no que viria a ser o circuito mínimo de visitação, para o que foram selecionadas e trabalhadas três áreas correspondentes aos futuros estacionamento, centro e circuito de visitação, identificando-se várias estruturas. A terceira etapa consistiu de atividades de resgate em nove áreas, nas quais se aprofundaram e consolidaram os trabalhos iniciados. Foram também feitas prospecções no entorno da cidade (Fazenda Olaria, Cemitério “dos escravos”, Pedreira, Residência do Padre, e Macundu) para determinar seu potencial interesse, para futuras investigações.

Nas três etapas foram encontrados artefatos de toda natureza, testemunhos modestos, porém denotativos do modo de viver na

cidade. Esses achados foram identificados, condicionados e adequadamente armazenados, encontrando-se agora sob a guarda provisória de instituição para tanto autorizada, até que venham a integrar o Centro de Visitação.

Os trabalhos arqueológicos de São João Marcos são singulares tanto por sua escala quanto por sua natureza urbana. Não se conhece caso semelhante no país. Pretendeu-se, com estes trabalhos, tornar visível a estrutura da cidade e sua trama urbana básica, constituída tanto pelas vias de circulação e espaços públicos quanto pelos perímetros de suas edificações públicas e privadas. Foram expostas, também, as estruturas físicas da antiga Estrada Imperial nos trechos mais próximos à cidade. Assim, o visitante do Parque poderá proceder à visitação do sítio urbano, através de circuito delimitado cômodo e seguro, e sem prejuízo para conservação das ruínas.

A concepção museológica do Parque de São João Marcos se desenvolveu em torno de dois espaços: as Áreas de Memória de São João Marcos com a Área de Guarda (de achados arqueológicos) e o Circuito de Visitação das Ruínas .

O Centro de Visitação está situado próximo à entrada do sítio arqueológico aproveitando a área plana disponível, a meia-encosta, evitando interferir com a presença de ruínas. O Centro faz o acolhimento do público visitante, contém uma exposição sobre a memória da cidade e guarda documentos e objetos originais, em três módulos distintos, construídos em estrutura metálica e com uma linguagem claramente contemporânea para “distanciá-lo” da imagem arquitetônica tradicional de São João Marcos.

A aproximação do Centro de Visitação é feita por um espaço de acolhimento, com área para confraternização de pequenos grupos, banheiros, cafeteria, loja e instalações de guarda. Na Área de Memória, o centro de interesse maior do Centro de Visitação, o visitante encontrará informações sobre a história social, política, econômica, urbana e cultural de São João Marcos. Os recursos museográficos adotados privilegiam o dinamismo, garantindo a incorporação frequente de novas informações através da rotatividade de exposições. São utilizados recursos audiovisuais, exibindo depoimentos recentemente coletados com a história de vida e as lembranças de antigos moradores da cidade. O ambiente expositivo é sonorizado, com trechos de antigas cantigas de roda, cânticos religiosos e marchinhas de carnaval, trazendo de volta as vozes do passado e o clima festeiro dos marcossenses. Além dos recursos audiovisuais e sonoros, haverá painéis suspensos, dois tipos de vitrines verticais embutidas e, ainda, a maquete de São João Marcos reconstituindo em escala a configuração da cidade na década de 1930-40.

Junto à Área de Memória está a Área de Guarda de acervos arqueológicos, dotada de espaços museológicos adequados para a preservação dos diversos materiais que ali serão depositados, como uma sala de limpeza e higienização, seguida de uma sala de identificação e registro, e finalmente, a reserva técnica, dotada de controle de temperatura e de umidade. A ideia é tornar aparente para o visitante objetos e documentos, e possibilitar aos



6.5

estudiosos o acesso aos resultados das pesquisas realizadas por equipes multidisciplinares.

Antecedendo o prédio do Centro de Visitação há uma Arena, a céu aberto, que permitirá apresentações artísticas de teatro, música e dança, festejos folclóricos e palestras.

Ao sair do Centro de Visitação, o encaminhamento será para o Circuito de Visitação das ruínas, com aproximadamente 650 metros de extensão, distribuído pelas antigas ruas Jorge Americano, Ribeiro de Almeida, 27 de setembro, Capitão Jorge Soares, Sebastião Lacerda e 5 de julho. Nestas encontravam-se edificações urbanas de importância, como a Igreja Matriz, a casa do Capitão-mor, a Câmara Municipal e o Teatro Tibiriçá. A identificação de ruas e edificações é feita com a utilização de painéis e placas que contêm informações concisas e curiosidades, complementares àquelas da Área de Memória, além de mapas de localização, nomes de ruas e a identificação de residências de alguns dos antigos moradores. Complementando essas informações, o público receberá um conjunto de esclarecimentos sobre os principais pontos de atração do Parque, o histórico da cidade e informes sobre a arqueologia e as características ambientais da região.

O sítio urbano receberá intervenções paisagísticas baseadas no resgate de espécies tradicionalmente cultivadas em São João Marcos, colocando em

6.5 Segmento final da Rua Cinco de Julho: calçamento preservado, 2010. [HP]

## O COMPONENTE AMBIENTAL

destaque as ruínas existentes e promovendo o enquadramento e a visibilidade de seu cenário e do entorno imediato. Com a finalidade de recuperar a memória da mais importante atividade agrícola tradicional da região, uma das encostas do morro mais próximo à área urbanizada será objeto de plantio de um pequeno cafezal.

O Parque faz jus ao “ambiental” presente em seu nome, mas, para compreender sua importância, é necessário colocá-lo em contexto mais amplo. Seus 93 hectares de território fazem parte da área de proteção da represa de Ribeirão das Lajes, localizada nas vertentes da Serra do Mar, entre os municípios de Pirai e Rio Claro. A importância da área de proteção da Represa de Ribeirão das Lajes está não só no seu tamanho – 24.045 ha., dos quais 3.452 correspondem ao espelho d’água da represa – e valor ambiental intrínseco, mas, sobretudo, no fato de contribuir para a formação do Corredor de Biodiversidade Tinguá-Bocaina, galeria florestal praticamente contínua de Mata Atlântica. Isso, naturalmente, graças à existência, neste corredor, de outras importantes unidades de conservação, como a Reserva da Biosfera, o Parque Estadual do Cunhambebe, a APA Guandú e a Estação Ecológica de Pirai.

Cabe aqui lembrar que a Mata Atlântica é caracterizada pela elevada riqueza e endemismo de espécies, sendo considerada um dos 25 *hot spots* mundiais de biodiversidade. E o reservatório, além da geração de energia, é a principal fonte de água para a cidade do Rio de Janeiro, o segundo maior centro populacional do Brasil. Associando geração limpa de energia, abastecimento de água com padrão de qualidade e um importante corredor de biodiversidade ecológica, o complexo de Lajes apresenta-se como um patrimônio de grande relevância humana e natural para o estado e para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Da área total do entorno do reservatório de Ribeirão das Lajes, 60% é formada por uma cobertura vegetal densa com espécies típicas de Mata Atlântica, sendo 22% compostas por capoeira e 18% por áreas que foram objeto de ação antrópica. A vegetação do entorno do reservatório, que primitivamente era exclusivamente florestal, com predominância de mata de encosta, apresenta atualmente uma distribuição em mosaicos de diferentes estágios de sucessão secundária. Alguns trechos resistiram às sucessivas explorações da época do cultivo do café, da exploração carvoeira e da criação de gado, permanecendo com vegetação primitiva. A área classificada como antrópica é presentemente, em sua maior parte, utilizada como pasto, estando permanentemente ameaçada por caçadores e a ação de oportunistas.

A composição faunística da área do Ribeirão das Lajes é de grande diversidade. Em inventário realizado em 2009, (Navarro *et al*) foram encontradas 79 espécies de aves. Das que ocorrem com frequência na região, destacam-se: pomba-asa-branca, coruja-buraqueira, andorinha-do-campo, saíra-amarela,

marreca-ananai, tico-tico, beija-flor-roxo e gavião-carijó. Parte da avifauna registrada é considerada invasora do estado do Rio de Janeiro (seis das 79 espécies encontradas são novas na região). Na classe dos anfíbios, são encontradas 14 espécies, das quais a mais comum a rã-das-pedras. No grupo dos répteis, existem na região 18 espécies de serpentes sendo as mais comuns a cobra-cipó, a cobra-de-vidro e a jararaca. Entre os mamíferos, são 28 espécies: morcego-guinho marrom, morcego fruteiro, morcego-cauda-de-rato, morcego pescador e outros, como a cuíca-verdadeira ou cuíca-quatro-olhos, tamanduá-mirim, onça-parda, jaguatirica, gato-do-mato-pequeno, capivara, paca e mão-pelada.

O Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos será um piloto do que poderia ser a grande reserva composta pela área de proteção do Reservatório de Ribeirão das Lajes. Ao longo do período 2010-2015 deverá ser completado o reflorestamento das áreas identificadas no projeto de paisagismo, feito o exame da possibilidade de transformação da área em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) e detalhado o plano de atividades educativas e recreativas de caráter ambiental.

Considerando não só os aspectos ligados ao meio ambiente, mas também a visita esperada para o Parque, foi decidida a contratação de um projeto paisagístico que pudesse integrar ambas as preocupações. O projeto partiu da análise e do diagnóstico da situação física,

biótica e antrópica do local, o que levou ao estabelecimento de diversos compartimentos com modelos de paisagem distintos. Anteriormente, foram mencionadas características dos projetos para o pórtico de entrada, o Centro de Visitação e a Arena, e o sítio urbano. Para o conjunto de encostas e morros que formam o território do Parque foi proposto um modelo de preservação com a finalidade de enriquecer, complementar ou recuperar as formações florestais existentes, incorporando-as à trama paisagística final. É proposta a manutenção integral dos fragmentos de mata, os plantios entre fragmentos para formação de corredores ecológicos e a devolução de espécies endêmicas, em vias de extinção, às matas secundárias (ver Anexo 2 – “Espécies aplicadas nos projetos de paisagismo e reflorestamento”).

### Bibliografia

PROF. ONDEMAR DIAS. Relatório de Arqueologia (2009/2010). Instituto de Arqueologia do Brasil (IAB).

PROF. ONDEMAR DIAS. Manual de preservação de sítio arqueológico. Instituto de Arqueologia do Brasil (IAB).

FAMA ENGENHARIA, Maurício Prochnick. Orientador de manutenção e operação da área construída.

INSTITUTO CULTURAL CIDADE VIVA, Fernando Portella. Roteiro de administração e manutenção do Parque.

NAVARRO *et al*. Anteprojeto do Plano Diretor de Ribeirão das Lajes. 2009.